

Lisboa, 30 de Setembro de 2015

Actualização trimestral das avaliações de risco-país da Coface (3T 2015)

Pequenos e grandes países emergentes enfrentam uma forte agitação

Embora o crescimento mundial continue em recuperação, o mesmo não excederá os 3% pelo quarto ano consecutivo. As economias mais desenvolvidas estão a melhorar bastante: a actividade nos E.U.A. aumentou significativamente no segundo trimestre (previsão de 2.5% para 2015), graças às despesas de consumo e ao investimento e, na zona Euro (1.5%) a recuperação gradual da actividade continua.

Os países emergentes (crescimento previsto de 3.5% em 2015, 4.2% em 2016) operam num contexto ameaçado pela vulnerabilidade dos preços das matérias-primas e pela descida nas taxas de câmbio do dólar. Alguns dos maiores países emergentes sofreram um abrandamento da actividade (a China, a Turquia e a África do Sul) ou entraram em recessão (a Rússia e, agora, o Brasil). O recente colapso da bolsa de valores chinesa e as suas consequências sobre os preços das matérias-primas, intensificaram essas vulnerabilidades. Segundo a Coface, o risco-país nos países emergentes irá manter-se, o que constitui um importante ponto de vigilância este ano.

Alguns países emergentes pequenos caem no abismo dos grandes

No contexto de um agravamento da situação macroeconómica nos países emergentes com maior dimensão, a Coface assinala um aumento no nível de risco também em vários países mais pequenos.

- A avaliação de A2 da **Malásia** está sob vigilância negativa. O país, dependente da procura externa, está a sofrer as consequências do abrandamento na economia chinesa (uma das suas principais parceiras) e com a queda de preços das matérias-primas. Os elevados níveis de dívida das famílias e de dívida pública são um risco.
- A **Arménia**, avaliada com C, está sob vigilância negativa, devido à sua dependência económica e financeira da Rússia, à instabilidade política e à acentuada deterioração nas finanças públicas.
- A **Tunísia** perdeu a vigilância positiva da sua avaliação B (desde Março de 2015), com uma forte probabilidade de entrar em recessão, após o golpe económico causado pelos ataques terroristas, particularmente no sector turístico. A permanente ameaça terrorista e o aumento das tensões sociais em sectores anteriormente afectados pela crise económica, apagaram os iniciais efeitos positivos da transição política.

América Latina: as avaliações de quatro países descem um nível

A América Latina (previsão de uma recessão de 0.2% em 2015) enfrentou uma nova onda de revisões em baixa nas avaliações dos países

- **O Brasil**, colocado sob vigilância negativa pela Coface em Março, a sua classificação foi reduzida para B. A sua economia encontra-se em recessão (previsão de crescimento de -2.5% para 2015), num contexto de maior fragilidade política. As despesas de consumo doméstico, o principal motor de crescimento e o investimento, caíram dadas as repercussões do caso Petrobras.
- **O Equador**, também colocado sob vigilância negativa pela Coface em Março, viu a sua avaliação ser agravada para C. Este país é o segundo mais afectado pela queda dos preços do petróleo (40% das receitas orçamentais, mais de 50% das exportações), o que tem impacto sobre a despesa pública e o investimento. As perspectivas para as empresas locais privadas parecem piores, devido à inexistência de acordo sobre as tarifas entre a Colômbia e o Peru. A economia é altamente dependente do Capital Chinês, por quem os empréstimos são assegurados através da adjudicação de concessões mineiras, das receitas do petróleo e da produção futura de electricidade.
- **O Chile**, cuja avaliação sofreu uma redução para A3, enfrenta um declínio sustentado nos preços do cobre e enfrenta também o abrandamento na China (o principal destino do cobre Chileno). Os escândalos de corrupção estão a desestabilizar o ambiente empresarial.
- Após a recuperação da recessão em 2012 e a desfrutar de um ambiente empresarial favorável, **Trinidad e Tobago**, actualmente com avaliação A4, sofre agora com os efeitos negativos do contínuo declínio do preço do petróleo. Persiste ainda outro problema: o desenvolvimento de infraestruturas e de fornecimento de gás.

PARA MAIS INFORMAÇÕES:

Carolina Carretero | t. 211 545 400 | caroline.carretero@coface.com
Alina Bordalo | t. 211 545 400 | alina.bordalo@coface.com

Sobre a Coface:

O Grupo Coface, líder mundial em seguro de crédito, oferece às empresas em todo o mundo soluções globais para protegê-las do risco de incumprimento financeiro dos seus clientes, tanto no Mercado doméstico como na exportação. Em 2014, o Grupo, apoiado pelos seus 4.406 colaboradores, registou um volume de negócios consolidado de €1.441 mil milhões. Com presença directa e indirecta em 98 países, segura as transacções de cerca de 40.000 empresas em mais 200 países. A cada trimestre a Coface publica as suas avaliações de risco país para 160 países, com base no seu conhecimento exclusivo do comportamento de pagamento das empresas e na experiência dos seus 350 analistas de risco, que usufruem de grande proximidade dos clientes e dos seus devedores.

Em França, a Coface gere as garantias públicas à exportação em nome do Estado Francês.

www.coface.com

Coface SA. is listed on Euronext Paris – Compartment A

ISIN: FR0010667147 / Ticker: COFA



Anexos

ASSESSMENT EITHER UPGRADED, OR REMOVED FROM NEGATIVE WATCH LIST OR PLACED UNDER POSITIVE WATCH LIST

Country	Country risk previous	Country risk new
Hungary	B	B↑

ASSESSMENT EITHER DOWNGRADED, OR REMOVED FROM POSITIVE WATCH LIST OR PLACED UNDER NEGATIVE WATCH LIST

Country	Country risk previous	Country risk new
Armenia	C	C↓
Brazil	A4↓	B
Chile	A2	A3
Ecuador	B↓	C
Malaysia	A2	A2↓
Trinidad and Tobago	A3↓	A4
Tunisia	B↑	B